

VASQUES, Bernardo

* militar; min. STM 1893-1902; min. Guerra. 1894-1896.

Bernardo Vasques nasceu em Magé, na antiga província do Rio de Janeiro, no dia 9 de agosto de 1837, filho de Bernardo José Vasques.

Assentou praça voluntariamente no 1º Batalhão de Artilharia em 20 de novembro de 1856, com a declaração de ser aluno da Escola Militar. Foi promovido a segundo-sargento em 1º de agosto de 1861 e a segundo-tenente em 2 de dezembro do mesmo ano, ficando agregado ao Batalhão de Engenheiros para dar prosseguimento aos estudos na Escola Militar. Chegou a primeiro-tenente da arma de artilharia em 30 de dezembro 1863, formando-se pelo regulamento de 1860. Em 15 de janeiro de 1864 foi classificado no 3º Batalhão de Artilharia, no Pará, passando a comandar a 8ª Companhia. No dia 11 de abril daquele ano foi enviado para a praça de Macapá e no ano seguinte foi encarregado de dirigir os trabalhos do Laboratório Pirotécnico do Arsenal de Guerra do Pará. Permaneceu na função até 3 de fevereiro, quando rumou, junto com o batalhão, para a capital do Império.

Chegando ao Rio de Janeiro em 3 de março de 1865, no dia 19 do mesmo mês seguiu para o rio da Prata com o objetivo de unir-se às tropas brasileiras que participariam da Guerra do Paraguai (1864-1870). Desembarcou no Cerro de Montevideu, na capital do Uruguai, no dia 27, e na mesma data reuniu-se com o batalhão do Exército em operação e passou a comandar, interinamente, a 8ª Companhia. Nos meses seguintes movimentou-se com o Exército para o território argentino antes de, finalmente, entrar em terras paraguaias para participar das operações efetivas contra aquele país. Em 30 de dezembro, ainda de 1865, deixou o comando da 8ª Companhia, e em 22 de janeiro de 1866 foi promovido a capitão da 7ª Companhia.

Tendo em vista o início da ofensiva da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai), cujo objetivo era tomar os principais pontos fortificados do Paraguai, em 31 de março de 1866 acampou com sua unidade na margem esquerda do rio Paraná, em frente à fortaleza de Itapiru, e participou no ataque àquela fortificação, que resultou na primeira tomada de

posição pelas tropas aliadas. Prosseguindo na ofensiva, em fins de abril partiu com o batalhão para a vanguarda do Exército, compondo as baterias das linhas avançadas que colaboraram na consolidação da tomada das fortificações de Passo da Pátria. No dia 24 do mês seguinte, comandando a 3ª Bateria, participou da Batalha de Tuiuti, que culminou na morte de milhares de soldados de ambos os lados. Por sua atuação nos combates de abril e maio, em 17 de agosto de 1866 recebeu o grau de cavaleiro imperial da Ordem do Cruzeiro. O fim de 1866 e o início de 1867 marcaram a fase inicial do comando do marechal Luís Alves de Lima e Silva, futuro duque de Caxias, sobre as forças brasileiras. Nesse período, assinalado mais pelo processo de reorganização das tropas, o capitão Bernardo Vasques continuou participando das ações do Exército brasileiro, passando, em 16 de maio, a comandar a 4ª Bateria. Em 27 de junho, vinculou-se com seu batalhão, a 3ª Artilharia, ao 2º Corpo do Exército. Reiniciada a ofensiva aliada em julho de 1867, permaneceu em combate, sendo levemente ferido por bala de fuzil em 30 de novembro, em uma ação contra as forças paraguaias que assaltaram as posições aliadas em Tuiuti.

Em 19 de fevereiro de 1868, participou dos bombardeios ocorridos durante a Passagem de Humaitá, série de manobras dos exércitos aliados visando a ultrapassar, através do rio Paraguai, a fortaleza localizada naquela região de modo a cercá-la para posterior conquista. Em 22 de julho, marchou com um contingente do batalhão de mais de 40 praças para a região do Chaco, onde assumiu o comando de uma batalha de posições. Em 13 de outubro, deixou de fazer parte do 2º Corpo do Exército, passando a pertencer, com o batalhão, às forças de guarnição na praça do Humaitá. No dia 17 do mesmo mês deixou o comando de sua bateria e companhia, passando para o Depósito Geral de Materiais do Exército, na qualidade de encarregado da 1ª Seção. Em 24 de dezembro, deixou a comissão por ter embarcado com seu batalhão no vapor *São José*, com destino ao exército em operação em Lomas Valentinas.

Findas as batalhas de dezembro de 1868, conhecidas como “dezembrada”, por terem resultado em uma série de vitórias brasileiras sobre os paraguaios, em 1º de janeiro de 1869 Bernardo Vasques desembarcou em Humaitá, passando a fazer parte das forças da

guarnição estacionadas naquela localidade. Em 15 de março, foi designado para servir junto ao 1º Regimento de Artilharia, ao qual se reuniu em Luque. Marchou dessa localidade com o 2º Regimento de Artilharia, e em 1º de junho foi desligado desse regimento, para que se reunisse ao 1º. No dia 2, apresentou-se e assumiu o comando da 2ª Bateria e a fiscalização do 1º Regimento. Em agosto, incorporou-se ao 2º Corpo do Exército e participou da Campanha das Cordilheiras, fase final da Guerra do Paraguai.

Em 20 de fevereiro de 1870, foi desligado do Regimento de Artilharia por ter sido nomeado major em comissão no Batalhão de Engenheiros. No dia seguinte apresentou-se e seguiu para San Izidro para assumir o comando da ala direita do batalhão, cujo exercício deixou, regressando à vila do Rosário, onde passou a fiscalizá-lo interinamente. Em agosto, passou a comandar o 1º Regimento de Artilharia. No dia 25, embarcou com o batalhão em Humaitá, com destino ao Rio de Janeiro. Em 29 de setembro, desembarcou na capital do Império.

Antes disso, por decreto do dia 6 daquele mesmo mês, e tendo por justificativa os serviços prestados na Guerra do Paraguai e nos combates das Cordilheiras, recebeu o grau de cavaleiro da Ordem de Cristo. Em 14 de abril de 1871 foi promovido a major graduado, com antiguidade de 6 de outubro de 1870. Em 14 de junho do mesmo ano, foi-lhe conferido o grau de cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz. Recebeu, ainda, a medalha geral da campanha do Paraguai com o passador de ouro número 5, indicativo do número de anos em que atuou no conflito.

Em 19 de janeiro de 1872, foi nomeado coadjuvante da instrução da arma de Artilharia na Escola Militar. Em 1º de março, foi escolhido comandante da 1ª Companhia de Alunos. Em fevereiro de 1874, deixou esse comando por ter assumido o da ala direita do Batalhão de Engenheiros, com a qual embarcou, no dia 1º, com destino à província do Rio Grande do Sul, para auxiliar a Comissão Militar de engenheiros na fronteira da província. Em 21 de dezembro foi dispensado, por ter sido nomeado ajudante do diretor do Arsenal de Guerra de Mato Grosso. Exonerou-se dessa função a pedido e, em 19 de setembro de 1876, foi designado ajudante da Comissão de Engenharia Militar do Rio Grande do Sul. Foi

promovido a major efetivo em 31 de janeiro de 1877, e em 18 de agosto de 1879 foi exonerado da comissão em que se encontrava e nomeado comandante interino do 1º Regimento de Artilharia. Em 18 de fevereiro de 1880 deixou essa função e ficou à disposição do presidente da província do Rio Grande do Sul, sendo incumbido da construção de um quartel na cidade de São Borja. Em 2 de setembro de 1881 foi mandado continuar no comando da ala esquerda do Batalhão de Engenheiros, e em 10 de novembro de 1882 foi dispensado da comissão de engenharia de que fazia parte.

Promovido a tenente-coronel, por merecimento, em 19 de maio de 1883, em 5 de junho do mesmo ano foi nomeado para inspecionar a Companhia de Infantaria na província do Espírito Santo. Em 6 de setembro foi escolhido para comandar o depósito da Escola de Aprendizes Artilheiros, e em 17 de março de 1884 foi designado membro da comissão encarregada de estudar os melhoramentos de que o depósito carecia. Em 21 de fevereiro de 1885 foi nomeado para comandar a escola, e em 5 de dezembro foi designado comandante do 4º Batalhão de Artilharia, cargo que assumiu em 8 de março de 1886. No dia imediato, seguiu para a província do Amazonas, com o objetivo de assumir o comando interino das armas e, em comissão, o do 3º Batalhão de Artilharia.

DA QUESTÃO MILITAR AO MINISTÉRIO DA GUERRA

Também em 1886, intensificaram-se as questões militares que contribuíram para o fim do Império brasileiro. Nessas contendas, Bernardo Vasques posicionou-se ao lado dos correligionários do regime republicano e sofreu as consequências de tal ato.

Em junho de 1886, o coronel Ernesto Augusto da Cunha Matos publicou um artigo na imprensa em que se defendia de acusações a ele feitas pelo deputado piauiense Simplício Resende, insatisfeito com o relatório que o coronel apresentara sobre uma unidade militar no Piauí. O ministro da Guerra, Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves, advertiu Cunha Matos de que, por força de um aviso de 1859, ele não poderia discutir assuntos políticos ou militares através da imprensa. O coronel discordou, protestou e, como resposta, foi censurado e preso por dois dias. Em seguida, o tenente-coronel Antônio de Sena Madureira,

comandante da Escola Preparatória e de Tática do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, também publicou um artigo afirmando que tanto ele, que já havia sido punido anteriormente, quanto Cunha Matos sofreram sanções com base em avisos ministeriais que iam contra o direito de livre manifestação do pensamento, garantido pela Constituição.

Sena Madureira foi novamente reprimido, o que gerou a mobilização da oficialidade local. Autorizados pelo comandante das armas e vice-presidente da província do Rio Grande do Sul, general Deodoro da Fonseca, em fins de setembro os oficiais anunciaram sua adesão à tese da inconstitucionalidade dos avisos ministeriais usados como base para as sanções. Como consequência, Deodoro foi destituído e transferido para o Rio de Janeiro junto com outros líderes do movimento contestatório, entre eles Sena Madureira, José Simeão de Oliveira e Bernardo Vasques.

Assim, a 12 de abril de 1887, Bernardo Vasques foi transferido para o 1º Regimento de Artilharia. Em 27 de abril de 1889 foi promovido a coronel graduado e em 13 de maio foi novamente transferido, dessa vez para o 3º Batalhão. Às vésperas do 15 de novembro, foi ativo propagandista dos ideais republicanos nas fileiras do Exército. Proclamada a República, foi escolhido pelo governo provisório presidente do estado de Goiás, mas não chegou a tomar posse. Foi promovido a coronel efetivo em 7 de janeiro de 1890, por serviços relevantes, e a general de brigada em 4 de outubro. Em 23 de dezembro, também de 1890, passou a comandar o Regimento Policial da Capital Federal. Elevado este a brigada, continuou no comando, acumulando o cargo com o de chefe de polícia, para o qual foi nomeado interinamente em 10 de dezembro. No dia 27 do mesmo mês, foi condecorado com a grã-cruz de São Bento de Aviz.

Em 13 de janeiro de 1892, Bernardo Vasques foi designado comandante superior da Guarda Nacional e exonerado, a pedido, do comando da Brigada Policial. Em 1º de fevereiro foi posto à disposição do Ministério da Guerra com o objetivo de comandar o 6º Distrito Militar, que abrangia o estado do Rio Grande do Sul. Foi promovido a general de divisão em 7 de abril de 1892 e nomeado comandante dos Corpos de 1ª e 2ª classe em 3 de março de 1893. Em 28 de julho, foi escolhido ministro do Supremo Tribunal Militar (STM). Nesse

período, diante da Revolução Federalista, deflagrada em fevereiro de 1893, atuou ao lado das forças legalistas. Durante a Revolta da Armada, iniciada em setembro do mesmo ano, exerceu o comando da 2ª Divisão das forças que guarneceram o litoral do Rio de Janeiro. Foi exonerado, a pedido, em 4 de fevereiro de 1894.

Em 15 de novembro de 1894 assumiu a presidência da República o civil Prudente de Moraes (1894-1898), empenhado na tentativa de esfriamento dos ânimos políticos. Em particular, o novo presidente, não querendo que se repetissem as agitações militares dos anos anteriores, procurou diminuir o peso político do Exército e cercar-se daqueles que pensavam de modo idêntico. Com esse intuito, escolheu um gabinete ministerial no qual a pasta da Guerra foi entregue ao general Bernardo Vasques, que veio suceder ao ministro Francisco Antônio de Moura.

Partilhando das preocupações do presidente da República, Bernardo Vasques defendeu a tese segundo a qual o Exército deveria constituir uma força profissional à disposição das autoridades nacionais, às quais caberia definir o momento e o lugar onde a ordem, o direito e a soberania deveriam ser defendidos. O novo ministro da Guerra também sustentava que era preciso modernizar e reorganizar o Exército de modo a adequá-lo às necessidades do regime democrático. Além disso, defendia a adoção do serviço militar obrigatório, cujo objetivo seria de formar forças de reserva. O general pregava, ainda, a reforma da educação militar, por ele vista como demasiadamente teórica.

Entre as ações efetivadas durante seu ministério, destacaram-se: a criação do Laboratório de Microscopia Clínica e Bacteriologia, para o serviço sanitário do Exército, através do Decreto nº 1.915, de 19 de dezembro de 1894; as alterações no plano de uniformes do Exército; a revogação do ato que transferiu para a jurisdição do Ministério da Guerra as fortalezas das ilhas das Cobras e de Villegaignon, no porto do Rio de Janeiro; a regulamentação da composição do conselho de compras para o abastecimento do almoxarifado da Intendência de Guerra; a restauração e melhoria das fortalezas da República; as alterações do regulamento dos arsenais de guerra; a regulamentação do serviço de fornecimento de víveres e forragens aos corpos do Exército; e a criação de duas

oficinas no arsenal de guerra de Mato Grosso. Além dessas realizações, a criação do Estado-Maior do Exército e Intendência Geral de Guerra, através da Lei nº 403, de 24 de outubro de 1896, foi devida em grande parte ao interesse manifestado por Bernardo Vasques junto ao Congresso Nacional.

Bernardo Vasques chegou a marechal em 12 de julho de 1895, e em 23 de novembro de 1896 foi exonerado a pedido do cargo de ministro da Guerra, sendo substituído interinamente pelo general Dionísio Cerqueira, que logo passaria a pasta ao general Francisco de Paula Argolo.

Em 24 de maio de 1902, o governo da República concedeu-lhe a medalha militar por bons serviços. Faleceu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 23 de outubro do mesmo ano.

Casado com Zulmira Martins de Meneses, deixou uma única filha.

Cláudio Beserra de Vasconcelos

Fontes: COSTA, E. *Da monarquia*; DONATO, H. *Dicionário; Encyclopédia e Diccionario Internacional* (v. 14, p. 11844); *Jornal do Brasil* (23/10/1902, p. 2); LAGO, L. *Estado-Maior* (p. 34); LAGO, L. *Marechal*; LOPES, T.; TORRES, G. *Ministros* (p. 136); MACCANN, F. *Soldados*; MELLO, L.; FONSECA, M. *Laboratório* ; MIN. GUERRA. *Almanaque*; SUP. TRIB. MIL. *Ministros do STM* (1808-2011). Disponível em: <http://www.stm.jus.br/institucional/ministros-desde-1808/minSTM1808_2011.pdf>. Acesso em: 30/4/2011; VELHO SOBRINHO, J. *Dicionário* (v. 2, p. 316-317).